

## Centro de Referência em Alfabetização: vivendo a experiência na Regional de Ensino de Planaltina

 Clarissa Ivy Fortunato Ribeiro\*

Ao longo do tempo, a alfabetização foi conceituada sob óticas diversas, decorrentes de fatores socioculturais e históricos. Ao fazer uma retrospectiva, verificamos que para ser considerado alfabetizado, escrever o nome era suficiente (SOARES, 1995, p. 5-16). Logo mais, foi necessário codificar e decodificar a língua, ler e interpretar pequenos textos. Houve também a época da metodologização da alfabetização e dos alfabetos funcionais que passam pela escola e não conseguem dar um sentido social às habilidades da leitura e da escrita.

O mirante sob o qual entendemos a alfabetização sofreu significativas transformações e atualmente incorporamos em nossas discus-

sões a terminologia letramento, palavra dicionarizada no final do século XX. Vale ressaltar que alguns países não fazem distinção entre letramento e alfabetização. Apesar de serem indissociáveis, Kleiman afirma que a alfabetização é a apropriação do código escrito, enquanto o letramento é a aplicação social dessas habilidades (KLEIMAN, 1995. P.5 -8).

Em 2011, o grupo do CRA aceitou o desafio de contribuir com a mudança de paradigmas, a construção ou desconstrução de conceitos ainda cristalizados em muitas escolas. E para tal, precisávamos nos fortalecer, estudando, lendo, participando de encontros e palestras. Para contribuir com a prática dos nossos colegas professores

precisávamos nos aproximar deles. A estratégia utilizada foi visita às escolas, formações *in loco* ou reuniões do grande grupo.

Encontramos embates no início das formações, pois transformar pensamentos não é tarefa fácil. De acordo com Freire, se a estrutura do meu pensamento é a única certa, irreprensível, não posso escutar quem pensa e elabora seu discurso de outra maneira que não a minha (FREIRE, 1996, p. 136-137). Quando nos enclausuramos nos ciclos de nossas verdades nós perdemos, pois deixamos de crescer.

Surpreendemo-nos em saber que muitos ensinavam conforme havia aprendido. A cartilha estava viva na fala dos professores. Levar o professor a compreender

---

\* Clarissa Ivy Fortunato Ribeiro é graduada em Letras Português/Inglês pela UEG e especialista em Língua Portuguesa pela IESPLAN, é professora de Atividades da SEDF e atua como Coordenadora Intermediária de Educação Infantil na CRE - Planaltina.

a importância de substituir a metodologia cartilhesca apoiada no modelo behaviorista, para alfabetizar letrando exigiu muito esforço. Então, lançamos mão da arte do convencimento respaldada com a teoria e o encantamento que a aprendizagem proporciona.

Realizamos algumas oficinas ao longo do ano: Alfabetização, letramento e ludicidade; Psicogênese da Língua Escrita; Produção de textos; Jogos Matemáticos; Contos e Rec contos com o Origami. Além dis-

so, apresentamos aos professores bibliografias, jogos pedagógicos, a Estratégia do Bloco Inicial de Alfabetização – BIA (Diretrizes do BIA) e a magia da contação de histórias.

Houve resistência de alguns professores e mesmo realizando a oficina *in loco*, muitos não participavam. Todavia, os encontros eram avaliados positivamente pelos profissionais presentes. Percebemos expressões de surpresa, indignação, aprovação, inquietação. Conversamos e debatemos, mas con-

quistamos o grupo. Logo em seguida, éramos solicitados nas escolas e um sentimento de pertencimento passou a existir, fortalecendo um pouco mais o grupo do CRA.

Sabemos que mudanças de concepções não acontecem instantaneamente, mas ao instigar o debate, refletimos e uma semente é lançada. Acreditamos que o CRA exerce um papel importante na formação dos professores, pois o conhecimento lançado constrói portas e janelas, um universo infinito de possibilidades. ■

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KLEIMAN, A.(Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

SOARES, M. *Língua escrita, sociedade e cultura : relações, dimensões e perspectivas*. *Revista Brasileira de Educação*. n.0, 1995.